

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

1

Outra perspectiva do João...

Marta Pinho ()*

“Tenho que identificar um caso problemático... João, é o primeiro nome que me vem à cabeça.

O João tem nove anos e frequenta o quarto ano de escolaridade. O João é um aluno “problemático”.

Durante o decorrer das Actividades de Enriquecimento Curricular, o João recusa-se frequentemente a realizar as tarefas propostas, mesmo tendo já revelado em algumas situações que é capaz de as executar sem dificuldade, e chega mesmo a ameaçar os colegas para que também eles deixem de participar nas actividades propostas. É frequente vê-lo a provocar os colegas, quer verbal, quer fisicamente e é muito difícil mantê-lo sentado na sala de aula ou “controlado” num determinado espaço.

É um aluno desinteressado, desmotivado e indisciplinado.”

Este foi o primeiro texto que escrevi sobre o João. Ainda antes de começarmos a falar sobre alunos problemáticos na formação, percebi que já não agia correctamente com o João. A sua forma de estar e de agir, o seu desinteresse por actividades que me levavam horas a preparar e até mesmo o facto de o ter encontrado por diversas vezes a destruir o material exposto, deixava-me fora de mim e acabava sempre por repreender o aluno. Ao longo das primeiras semanas de formação, surgiu uma frase que gravei e ainda hoje funciona para mim quase como um lema:

“De que forma é que o que NÓS, enquanto professores, fazemos pode ter influência no que se passa na nossa sala de aula? – De todas as formas possíveis e imaginárias!”

A verdade é que sempre pensei que o João era o único responsável pelas suas atitudes, nunca havia ponderado a hipótese de que a forma como agia pudesse influenciar o seu comportamento. Passei a agir de forma mais ponderada, a gerir as

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

2

minhas emoções de forma mais cuidada, mantendo a tranquilidade mesmo quando o João procurava chamar a atenção de todos com o seu comportamento. O João percebeu. Consegui duas aulas de "tréguas".

O comportamento do João depois começou novamente a piorar... Mas o que se passava? Eu estava, definitivamente, mais tolerante, ele feliz com as recompensas que tinha recebido nas aulas em que as mereceu, o que se passava?

Será que só eu considerava o comportamento do aluno inadequado? Tínhamos abordado a questão da gravidade dos comportamentos manifestados e tinha já percebido que nem todos atribuíamos a mesma gravidade às mesmas situações. Seria um problema meu?

Não, definitivamente, não era.

Assim, uma vez que não se tratava de criar um clima de empatia com o aluno porque definitivamente havia uma boa relação entre nós (o aluno procurava-me frequentemente para mostrar "habilidades", para contar "curiosidades", momentos em que lhe dedicava toda a minha atenção) e já que o seu comportamento desajustado se mantinha em todas as outras actividades, decidi abordá-lo de forma directa, perguntei-lhe porque agia daquela forma.

A resposta e a conversa que tive com o João naquela tarde foi um dos momentos mais marcantes da minha breve carreira. O aluno não queria frequentar as Actividades de Enriquecimento Curricular, queria ir para casa nesse horário, para junto da mãe. Os pais não o permitiam, portanto "queria ser expulso".

Chegou assim o momento em que percebi que precisava de saber um pouco mais sobre o João. Completei o texto:

"O João vive com os pais e um irmão mais velho. O pai revela comportamentos aditivos e manifesta comportamentos violentos. O João não demonstra respeito pela mãe, que lhe permite todo o tipo de comportamentos.

Nos anos lectivos anteriores, a criança foi suspensa das actividades, pelos mesmos comportamentos que tem vindo a revelar, uma vez que não se encontraram estratégias para gerir o seu comportamento dentro e fora da sala de aula."

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

3

Nesse momento percebi. E expliquei-lhe que não pretendia suspendê-lo das minhas actividades, porque sabia que ele tinha muitas capacidades e “precisava” dele para me ajudar com a turma. Consegui mais uma aula em que o aluno mostrou todas as suas capacidades. Depois, voltou tudo ao início.

Começava a ser difícil perceber como agir com o João, como prevenir os seus comportamentos desajustados. O que funcionava numa aula, não funcionava nas outras... Era necessário diversificar! A turma estava unida e tínhamos decidido que íamos ajudá-lo a ser bem sucedido. Reformulámos em conjunto as regras das nossas aulas, tornando-as mais claras e precisas e elaborámos, uma vez que foi uma das estratégias de prevenção sugeridas, um contrato. Definimos uma recompensa e algumas formas de punição para os comportamentos manifestados. As regras afixadas, a auto-avaliação no final de cada aula e a recompensa no final da semana, resolveram muitos dos conflitos que existiam na turma e ajudaram a controlar, em algumas situações, as atitudes do João, mas ainda ocorriam, com frequência, situações que exigiam intervenção.

Uma vez que a criança era frequentemente punida fisicamente em casa, optei por utilizar estratégias de reforço positivo, até porque ao longo da formação foi defendido que *“Nos casos de indisciplina as estratégias positivas têm mais eficácia porque dão indicações do caminho a seguir”* e *“A escola tem a responsabilidade de adoptar modelos positivos de resolução de problemas que não passem pela agressividade (se pretendemos que a criança deixe de adoptar condutas agressivas temos de lhe mostrar na prática que há alternativas)”*.

São várias as estratégias que tenho vindo a dinamizar na minha sala de aula. Entre outras, comecei, como já referi, pela EXTINÇÃO. Em diálogo com a turma, responsabilizando-a pelo sucesso do João e gerindo de forma cada vez mais eficaz as minhas atitudes, consegui que deixassem de existir situações de reforço das suas atitudes negativas. O REFORÇO POSITIVO está também presente em todas as aulas. Isto tem vindo a surpreender-me. O João, na semana passada, quando percebeu que para uma determinada actividade havia uma “star” (uma pequena estrela de papel para quem realizasse a tarefa com sucesso), concretizou o seu trabalho de forma exemplar. Teve direito a elogios meus e, espontaneamente, de todos os colegas!

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

4

O comportamento do João tem vindo a melhorar, apesar de em diálogo me ter confidenciado que continua a desejar ser expulso, para poder estar junto da mãe.

A acção de formação, para além de todas as novas estratégias que me deu a conhecer, fez-me, acima de tudo, crescer enquanto pessoa e enquanto docente, levando-me a reflectir sobre a minha prática pedagógica e predominantemente sobre a forma como devo gerir as minhas emoções, dentro e fora da sala de aula, funcionando cada vez mais como um BOM modelo para os meus alunos.

() Professora AEC. Formanda das acções C303. Competências Interpessoais - Prevenir e Resolver Situações Problemáticas e C316. Diferenciar para aprender, aprender a diferenciar, promovidas e financiadas pela CMM – Câmara Municipal de Matosinhos e organizadas pelo CFAE_Matosinhos.*